

**UM PASSEIO PELAS RUAS, CIDADES E VIDAS
EM SULEIMAN CASSAMO**

Fabiana de Paula Lessa Oliveira (UERJ)

fabianapl.oliveira@gmail.com

Fabiana Rodrigues de Souza Pedro (UVA/RJ)

falecomaprofessora@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o espaço urbano nos contos “José, pobre pai Natal” e “As mãos da vida”, que pertencem à obra *O Regresso do Morto* (1989), do escritor moçambicano Suleiman Cassamo. Busca-se percorrer a cidade ficcional que tanto atrai, quanto segrega os sujeitos das classes sociais mais baixas, além de os submeterem a todo tipo de violência. Chama a atenção para os migrantes, nem sempre encontram as condições favoráveis, abrigando-se às margens, e por lá sobrevivendo. Em “José, pobre pai Natal”, a mulher espera pelo marido que saíra cedo a fim de vender tripas nas ruas da cidade. Entre a partida e a chegada, o narrador vai revelando as mudanças pelas quais passara Lourenço Marques (atual Maputo) desde a vinda do casal. Já em “As mãos da vida”, o narrador descreve as transformações no cenário citadino após a independência de Moçambique. Como resultado, a exclusão e/ou a expulsão dos que não se adaptam a nova realidade. E a urbe é (re)pensada pelo viés literário.

Palavras-chave: Ruas. Cidades. Lourenço Marques. Maputo. Contos.

E, diariamente, chegava mais gente. Cada um sua língua, seus costumes. Cada um suas ambições e meios muito pessoais para realizá-las.

Cada um, sozinho no seio de tanta gente.

(Suleiman Cassamo)

É só o amor, é só o amor;
Que conhece o que é verdade;
O amor é bom, não quer o mal;
Não sente inveja ou se envaidece.

(Renato Russo)

Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001, p. 714), concebe-se cidade, dentre outras acepções, como sendo

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

aglomeração humana de certa importância, localizada numa área geográfica circunscrita e que tem numerosas casas, próximas entre si, destinadas à moradia e/ou atividades culturais, mercantis, industriais, financeiras e a outras não relacionadas com a exploração direta do solo.

Partindo desse conceito, o que é ler e/ou escrever uma cidade? O que é ler e/ou escrever uma cidade periférica?

A leitura que se faz muitas vezes das cidades periféricas passa a impressão de ser a mesma pelas características apresentadas e/ou pelas condições vividas por seus habitantes, mas não é. Observa-se que há pontos comuns apenas. Com um olhar perspicaz, o escritor capta as especificidades locais, o que está no centro, o que está no entorno, revelando-nos através da escrita as mazelas sociais, como também a força humana para superá-las.

O espaço urbano, nas narrativas, vai ocupar uma posição de destaque. Imagens de Lourenço Marques/Maputo e de suas áreas periféricas vão sendo reveladas, como toda sua vida social repleta de contrastes. Isto é o que nos propomos: percorrer a urbe construída ficcionalmente à margem do sistema central/capitalista, refletindo de certa forma o processo de colonização.

A África é saqueada, dividida e ocupada pelas potências da Europa a partir do século XV. Milhões de africanos são escravizados por essas nações, que mantiveram a exploração de recursos naturais da região mesmo após o fim da escravidão. As lutas anticoloniais desenvolvem-se principalmente na segunda metade do século XX, e misturam-se aos conflitos da Guerra Fria. Persistem rivalidades étnicas entre populações de países cuja fronteira foi criada artificialmente pelas nações europeias no fim do século XIX.

O domínio português na região do atual Moçambique iniciou-se no século XVI, e estendeu-se por quase 500 anos. A opressão, o cerceamento da liberdade e as disputas (inter)nacionais na África, que percorreram séculos, refletiram incisivamente nas relações humanas, mas não conseguiram apagar a força das tradições culturais que ressurge no século XX para reconstruir a identidade nacional³⁶. Vale lembrar que é uma

³⁶ É interessante assinalar o ponto de vista de Stuart Hall sobre a construção da identidade: "Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto as nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre 'a nação', sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que

identidade híbrida, formada pelo contato com os portugueses e outros povos do Índico.

Na perspectiva da teoria cultural contemporânea, o hibridismo – a mistura, a conjugação, o intercurso entre diferentes nacionalidades, entre diferentes etnias, entre diferentes raças – coloca em xeque aqueles processos que tendem a conceber as identidades como fundamentalmente separadas, divididas, segregadas. O processo da hibridização confunde a suposta pureza e insolubilidade dos grupos que se reúnem sob as diferentes identidades nacionais, raciais ou étnicas. A identidade que se forma pelo hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas. (SILVA, 2013, p. 87)

É impensável a ideia de identidade “pura”, especialmente em países colonizados. Em “José, pobre pai Natal”, a mulher espera pelo marido que saíra cedo para vender tripas nas ruas da cidade. Entre a partida e a chegada, o narrador vai contando as mudanças pelas quais passara Lourenço Marques (atual Maputo) desde a vinda do casal.

Narrado em 3ª pessoa, concentra-se no dia 24 de dezembro de 1953, mas transita nos tempos: passado – quando rememora a chegada do casal à cidade – e presente – a expectativa da volta para casa de José; nos espaços: a casa (privado), a rua (público) e a varanda (entrelugar), como se vê, no início da narrativa, – “Uma mulher, na varanda, espera seu homem” (CASSAMO, 1989, p. 53). Vê-se a presença do narrador onisciente intruso, ao tecer considerações acerca das personagens: “Quem se recorda de um casal que, numa tarde de um dia distante, chegou montado num burrinho?” (CASSAMO, 1989, p. 53)

É comum o trânsito entre as pessoas de áreas pobres para as ricas. Ao pensar um país internamente, os deslocamentos ocorrem para regiões mais desenvolvidas, deixando suas cidades em busca de outras, que pressupõem em melhores condições para atender suas necessidades básicas: moradia, trabalho, escolas, etc. Partem com poucos pertences para terras desconhecidas repletos de expectativas, muitas vezes deparam-se com situações até mais precárias do que as vividas na terra natal.

A narrativa passa-se no final do período colonial em Moçambique. Os anos 1950 caracterizaram-se como um momento de reação, de mobilização por parte da sociedade, começa-se a reagir contra o estado das coisas. Com tantas mudanças no mundo pós-guerra, não era mais cabível as colônias de exploração. Pregavam-se direitos humanos, mas para

conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas”. (HALL, 2006, p. 50-51)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

quem? Embora se saiba que as grandes potências utilizaram outras formas de dominação, de colonização. Os mais fortes sempre pretendem dominar os que consideram mais fracos, seja política, econômica e até culturalmente:

No começo do século XX, o poder industrial estendeu-se por todo o globo terrestre. A colonização da África, a dominação da Ásia chega a seu apogeu. Eis que começa nas feiras de amostras e máquinas de níqueis a segunda industrialização: a que se processa nas imagens e nos sonhos. A segunda colonização, não mais horizontal, mas desta vez vertical, penetra na grande reserva que é a alma humana. (...)

A segunda industrialização, que passa a ser a industrialização do espírito, e a segunda colonização que passa a dizer respeito à alma progridem no decorrer do século XX. Através delas, opera-se esse progresso ininterrupto da técnica, não mais unicamente voltado à organização exterior, mas penetrando no domínio interior do homem e aí derramando as mercadorias culturais. (MORIN, 1987, p. 13)

O que se vê é a constante busca pela dominação, pelo poder interno e externamente, por exemplo, Portugal foi um dos últimos países a “conceder” a independência às colônias africanas, após anos de guerra. As condições não se sustentavam mais tamanha a precariedade em que viviam. Ocorre uma pequena urbanização na capital da colônia, mas, se olhasse ao redor, a população vivia em péssimas condições, miséria, fome, opressão, violência.

Malhangalene era, na altura, de uma geometria de linhas tortas. Proliferavam tendas, tectos de plástico rasgado, coberturas de lona, em zinco podre e paredes de caniço transparentes. Débeis, toscas barracas no caminho do vento Sul. Lareiras ao relento, ao sol e à chuva.

Terra de gente estranha, terra de gente ganha-pão à custa do próprio suor, gente pacífica. Mas também, Malhangalene de mabandido.

E, diariamente, chegava mais gente. Cada um sua língua, seus costumes. Cada um suas ambições e meios muito pessoais para realizá-las.

Cada um, sozinho no seio de tanta gente. (CASSAMO, 1989, p. 53).

Os lugares destinados aos migrantes pobres situavam-se nas margens da capital Lourenço Marques/Maputo. É inegável a atração que as cidades exercem mesmo em países periféricos, ou ainda colônias, lá é onde se imagina encontrar emprego, salários mais altos, habitação, escolas, hospitais, meios que possibilitem uma vida digna, o que nem sempre acontece.

De certa forma, os “bairros de caniço”, como eram conhecidos, recebiam todos os que chegavam de diferentes regiões. Embora encon-

trassem lugar para morar, cercado de pessoas, sentiam-se sós, solidão. Abandonavam seus familiares, sua comunidade em busca de sonhos que não veem perspectiva de se realizar, tornando a vida difícil. Além disso, os habitantes da periferia não eram bem vistos aos olhos da elite local. "A casa dela é o início, ou o fim, da cidade do cimento. Quem pensava que a cidade cresceria assim? Perto não havia fábrica, não tinha sirene. O zurro singelo do burro marcava o dina".³⁷ (CASSAMO, 1989, p. 53)

Vale ressaltar a demarcação das fronteiras entre bairros pobres – de caniço – e ricos – de cimento. A casa do casal encontra-se na divisa entre esses dois mundos tão desiguais. Percebe-se certa urbanização, industrialização pela presença de fábricas, onde as sirenes passavam a marcar os horários de entrada, de saída e os intervalos dos funcionários, abandonando o som propiciado pelos burros. Até mesmo a substituição de um animal por um objeto eletrônico já marca os novos tempos.

Ao referir-se ao espaço do colonizador e o do colonizado, Frantz Fanon expõe:

A zona habitada pelos colonizados não é complementar da zona habitada pelos colonos. Essas duas zonas opõem-se, mas não a serviço de uma unidade superior. Regidas por uma lógica puramente aristotélica, elas obedecem ao princípio de exclusão recíproca: não há conciliação possível, um dos termos é demais. A cidade do colono é uma cidade sólida, toda de pedra e ferro. É uma cidade iluminada, asfaltada, onde as latas de lixo transbordam sempre de restos desconhecidos, nunca vistos, nem mesmo sonhados. (...)

A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a aldeia negra, a *medina*, a reserva é um lugar de mal afamado, povoado de homens mal afamados. Ali, nasce-se em qualquer lado, de qualquer maneira. Morre-se em qualquer uns contra os outros, as cabanas umas contra as outras. A cidade do colonizado é uma cidade faminta, esfomeada, por falta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade agachada, de joelhos, uma cidade prostrada. É uma cidade de pretos, de "turcos". (FANON, 2010, p. 55-56).

Os contrastes na cidade são visíveis em vários aspectos já mencionados, e os meios transportes utilizados inserem-se entre eles. Os mais pobres circulavam de burros, de carroças, enquanto os que tinham um maior poder aquisitivo, de carro, mesmo usados, mais antigos. Como se vê na fala do narrador, a vizinha do casal deslocava-se de calhambeque:

O calhambeque arrancou. Iriam à Missa de Galo?

³⁷ O termo "dina" significa "meio-dia", interrupção do trabalho para o almoço.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

E ali, quem vinha montado? Não seria o José? Era ele!... E a carroça?...

À luz do candeeiro da esquina, o burro virou cavalo. Lá em cima, na sombra que caía da aba do chapéu, os olhos do cavaleiro eram duas esferas de aço em brasa. Os braços caíam ao longo do corpo, tenazes, metálicos. Mais abaixo, pernas compridas desciam da sela. Eram de carvão brilhante, mas com vigor de ferro.

Mas eis que agora bate com força. As crianças acordam. Ela sai. Choca com os olhos do burro. Vai à carroça: Com os braços de um Cristo pregado na cruz, José jazia. Tinha olhos esbugalhados, e a barba branca de Pai Natal pintada de escuro sangue.

Foguetes riscavam o céu de Lourenço Marques.

Um grito de mulher encheu a meia-noite.

Foi no Natal de 1953.

(CASSAMO, 1989, p. 54)

Os diferentes modos de vida na cidade foram sendo expostos. A desumanidade do sistema colonial que impôs duras restrições aos colonizados em sua própria terra que não foram apagadas totalmente. Mudam-se os governos, mas muito pouco os homens que detêm o poder e vivem da exploração do outro.

É possível notar a presença das religiões cristãs, como José, nome da personagem central, remete à figura bíblica de “José, o carpinteiro”, esposo da virgem Maria e pai de Jesus Cristo. Operário, é tido como “Padroeiro dos Trabalhadores”, e, pela fidelidade a sua esposa e dedicação paternal a Jesus, como “Padroeiro das Famílias”. As imagens identificam-se, sobrepõem-se na narrativa. Outra evidência: a casa é construída, quando chegam, com caixas de biscoito “Maria”, o nome remete à mãe de Jesus, e elas são responsáveis pelo teto, pelo abrigo da família. Por fim, a referência a Cristo pregado na Cruz.

Na visão de mundo africana, a morte não é o fim, é apenas o começo de um novo ciclo da vida que é eterno, como discute Nsang O’Khan Kabwasa (1982). Vale lembrar que as missões religiosas cristãs organizavam as escolas no período colonial e, mesmo depois da independência, essas religiosidades não deixaram de existir no país, misturaram-se a elementos da cultura africana.

Nomear Lourenço Marques é, portanto, uma forma de deixar marcado um tempo que está passando. As ideias de liberdade, que estão sendo difundidas na sociedade, fortalecem-se, daí culminando com na guerra de libertação na década de 1960. “Foguetes” riscaram o céu de Lourenço

Marques, iluminando-o, anunciando outro dia, e quem sabe de luz?! Esse “grito de mulher” que explode é de toda a sociedade que não aguenta mais a violência a que está submetida. E o som enche a “meia-noite” que pode simbolizar a passagem para um novo dia, um começo que aponta em meio à tragédia.

Já em “As mãos da vida”, põe-se por escrito a história de Djimo, personagem que representa tantos homens que seguem para a cidade, acompanham seu crescimento/desenvolvimento, e nem sempre se adaptam às mudanças. Os mais velhos podem encontrar dificuldade de adaptação, tornando-se “presas” fáceis nas armadilhas da cidade.

Djimo trabalhou a vida toda entregando mercadorias em sua carroça, mas os tempos mudaram, o trabalho escasseou. Outros meios de transporte podem ter passado a exercer tal atividade de forma mais rápida e eficaz, assim algumas carroças foram sendo substituídas, mas o que fazer com as pessoas? No “mundo moderno”, desenvolvido, quando não há espaço para determinada função, os trabalhadores acabam abandonados, isolados, excluídos.

Observa-se que o desenvolvimento nas cidades mais pobres, geralmente não é acompanhado de melhor qualidade de vida para todos. Os avanços técnicos não se “preocupam” com o humano, os empregados ou são excluídos, ou continuam vivendo em condições precárias. Para uns enriqueceram, a maioria vive em condições miseráveis. Sendo assim, os migrantes, quando não veem mais possibilidade de sobrevivência nas cidades, retornam à terra natal.

Inicia-se o conto com o narrador onisciente apresentando o espaço em transformação:

Quem antes o vira passar, no seu passo trôpego, não julgaria tratar-se do mesmo burro. Fora sempre fantástica a visão da engrenagem dos ossos, tenaz como de aço fosse, debaixo da pele coçada. A cada passo rangia; os músculos, correias dessa engrenagem, dilatavam e vibravam; a baba escorria pelos beíços. A carroça, carregadíssima, lá ia, ora no pó, ora na lama, no asfalto ou no areal, rolando, rolando, rolando.

Agora, porém, livre da carga de sempre, marchava altivo, a cabeça erguida, digno de ser burro.

(CASSAMO, 1989, p. 39)

Através da descrição, infere-se que a personagem realizava o transporte de carga numa carroça na cidade. O trabalho era intenso para ambos. Os novos tempos foram chegando, por conseguinte, algumas ati-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

vidades foram substituídas, ou realizadas em menor escala, levando o trabalhador cada vez mais para a marginalidade, para a pobreza. Apesar do crescimento, a divisão entre bairros pobres e ricos era bem demarcada.

Na rua, a multidão, em destinos cruzados, afastava-se para o burro passar. Nos quintais de caniço e de zinco podre, podia perceber-se uma mulher de capulanas arregaçadas, as pernas em V invertido. O mijo morno e a água suja desciam a rua e o mau cheiro subia na atmosfera de telhados de chapa e lona fulgindo ao sol.

(CASSAMO, 1989, p. 39).

À medida que as cidades crescem, passa a ter mais infraestrutura, comércio, indústria, áreas de lazer, enfim, renda circulando na economia; levando muitos a migrarem em busca de emprego para conseguirem melhor qualidade de vida. Nem sempre atingem o objetivo. Na maioria dos casos, vão compor a periferia do centro urbano, deixando visível o fosso social existente.

Configura-se um espaço dual: de um lado, a cidade formal – cimento, asfaltada, limpa – e, de outro, a cidade informal – “caniço e zinco”, de terra, suja. Comprova-se a ausência do Estado nas “cidades de caniço”, onde as construções são precárias, frágeis, erguidas sobre a terra, sem saneamento básico.

E a continuidade desse estado de miséria é decorrente da ganância dos homens. Em África, por exemplo, muitos países possuem grandes reservas minerais, podendo proporcionar a população melhor qualidade de vida. No entanto, os governantes responsáveis por gerir esses bens, não dividem as riquezas como deveriam. A maior parte da sociedade, portanto, vive na extrema pobreza para poucos desfrutarem dos ganhos. A desigualdade social contribui para o aumento da violência na cidade.

Os comboios de burros largavam de Missavene e Mavalene para vários destinos: Laulane, Coumponi, e Polana-Caniço, a noroeste; Huelene, a norte; Nhagóia e Jardim, a nordeste; Xipamanine, Chamanculo, Mafalala e Maxaquene, mais para sul. Atravessavam assim, de ponta a ponta, a cidade de caniço, até ao Alto-Maé e Malanga, com fardos de mboa, ncancana, nhangana, dledlele e mathapa, vendidos aos montinhos, à porta do quintal, a lenha e o carvão cada vez mais raros e caros. (...)

Disputando o asfalto aos veículos automotores foi descendo a Karl Marx. No sinal vermelho, o velho Djimo asobiou e o burro, obediente, parou.

(CASSAMO, 1989, p. 39-40)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vale ressaltar que as referências citadas, como: a circulação dos comboios de burros pelos bairros de Maputo, mostra um pouco da dinâmica social, onde o velho (carroça) e novo (automóvel) compartilham o mesmo espaço. Apesar de ser a capital do país, ainda era uma cidade rudimentar que transportava basicamente produtos agrícolas. Empregar os nomes na língua nativa é uma forma de (re)afirmar sua identidade.

Além disso, marca o tempo histórico – após a independência – por mencionar a rua Karl Marx, nome dado no pós-independência, tendo em vista que a nação recém-liberta tinha por base o modelo socialista. José Luís Cabaço justifica a opção da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) pela via socialista da seguinte forma:

Foram, contudo, as desigualdades sociais, a violência, os abusos, a iniquidade na distribuição de renda e benefícios e a exploração do sistema colonial que, criando um sentimento de revolta e uma sede de justiça, constituíram os fatores decisivos na opção dos guerrilheiros. A prática da luta armada implicava um profundo envolvimento com os camponeses, uma íntima relação do pensamento nacionalista com a vida do povo, a consciência da sua miséria, mas também da sua criatividade e das suas capacidades de sobrevivência perante situações tão difíceis.

(CABAÇO, 2009, p. 314).

Com o tempo, as lutas internas pelo poder, apoiadas pelas grandes potências os Estados Unidos e a União Soviética, e as próprias mudanças no contexto mundial ao longo das décadas levam a certo afastamento das ideias socialistas. É difícil colocar em prática qualquer sistema que tenha como objetivo o bem-estar social. Enfim, fazer referência a “Karl Marx” é trazer à tona um modelo de mundo ideal, mais igualitário, o que poderia ter sido.

– Estou cansada da cidade, Pai do Juse – dizia ela. – Quantas vezes eu te disse? Quantas? Não é como no tempo em que vendias tripas...

E o velho recorda com saudades esses tempos:

– A mbongolo! ya marhumbo! A mbongolo! ya marhumbo!³⁸...

E a carroça rolava, parava, vendia...

– Agora está tudo difícil. É carvão, é comida, é tudo! Até as folhas murchas são dinheiro. Hoje, o que vale esse dinheiro? Voltemos para a terra do Pai Juse...

O sinal mudara para verde, os carros buzonavam, os condutores gritavam, os olhos quase a saltarem de fúria.

³⁸ Os termos “mbongolo” e “marhumbo” referem-se respectivamente a burro e a tripa.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

O velho, assustado, deu um tau-tau no burro. O burro arrancou, quase atirando-o para trás. A carroça lá foi, rolando, rolando e rolando.

Essa mesma terra, a Moamba, que o veria agora de regresso. Mas não de mãos vazias: compraria uma charrua com o fruto de anos e anos de trabalho com o burro.

(CASSAMO, 1989, p. 40).

Toda agitação da cidade percebe-se não só pela multidão nas ruas, mas também pelo comportamento das pessoas, no caso dos motoristas, que aos gritos exigiam a partida do burro. Outro fato que marca os tempos novos são as regras sociais, como a sinalização de trânsito. Parece contraditório, mas as condições de vida ficam mais difíceis na cidade após a independência. Vê-se a falta do mínimo para a sobrevivência que é a alimentação.

É comum também as pessoas migrarem com objetivo de retornarem à terra natal depois de conseguirem certa estabilidade financeira, ou simplesmente terem conseguido juntar algum dinheiro para ter como se manter por um período na volta. Um dos motivos de Djimo ir para a cidade foi este: ter dinheiro para comprar uma charrua para trabalhar. Porém, quando o sonho se tornara mais próximo de se concretizar, é assaltado. São muitas as estratégias utilizadas pelos criminosos para conseguir dinheiro fácil nas ruas da cidade, como: vestir-se bem para não despertar suspeitas, fugindo do estereótipo de maltrapilho. Além do efeito “surpresa” e tentar ludibriar a vítima.

Ele (Djimo) começou a narrar, devagar.

Eram dois homens, de casaco e gravata. Quem diria que não eram do Banco? Gritaram:

– Eh! Pára aí!

Parou.

– O teu cheque não está em ordem.

O cheque? Não estava em ordem? Ficou atrapalhado, o chão tremeu. O chão ou ele?

– Da cá o dinheiro!

Boquiaberto passou-lhes a massa.

– Siga-nos.

Segui-lhes.

– Aguarde aqui! Vamos resolver com o gerente.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Ficou espetado “a ver navios”. (...)

– Não se fala mais da charrua. Ainda tenho mãos, Pai do Juse. Não morreremos de fome enquanto as tiver. Estas mãos.

O velho Djimo olhou para as mãos da mulher: Mãos de amor, mãos do milho, mãos da vida.

(CASSAMO, 1989, p. 42-43).

Como se não bastasse os problemas em uma cidade, os habitantes ainda têm que lidar com a violência urbana. São enganados a tal ponto que se sentem reduzidos a nada, um grande vazio. E o pior é pensar que poderia ser uma pessoa responsável por zelar pelo dinheiro. Constatase, portanto, a perversidade humana nestas faces: o descaso do governo com as áreas periféricas, “cidade de caniço” e a violência cotidiana.

Diante do exposto, se por um lado, percebe-se a ausência da Metrópole/Estado, através da marginalidade, da violência, da exclusão, da falta ou ineficácia dos serviços públicos; por outro, sente-se o amor presente na vida dos que convivem, chave para uma sociedade mais solidária, e quem sabe justa?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABAÇO, José Luís. *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação*. São Paulo: UNESP, 2009.

CASSAMO, Suleiman. *O regresso do morto*. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 1989.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad.: Enilce A. Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: UFJF, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KABWASA, Nsang O’Khan. O eterno retorno. *O Correio da Unesco*, Brasil, ano 10, n. 12, p. 14-15, 1982.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX*: Neurose. Trad.: Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 73-102.